

TEXTOS E IMAGENS DO MUNDO MEDIEVAL: AS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS ENTRE AS LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS (SÉCULOS VIII-XVI)

WRITINGS AND IMAGES FROM THE MEDIEVAL WORLD: THE CARTOGRAPHIC REPRESENTATIONS BETWEEN THE CLASSICAL AND VERNACULAR LANGUAGES (8th – 16th CENTURIES)

Thiago BORGES*

Resumo: Textos e imagens estabeleceram, ao longo dos tempos, uma complexa e fascinante relação de complementariedade que se estende entre os mais distintos contextos e realidades históricas. Sob tais perspectivas, este breve estudo propõe-se a analisar a produção cartográfica medieval por intermédio de seu viés textual, contemplando os fenômenos responsáveis pela transposição do texto ao traçado cartográfico. Recorrendo à longa duração dos processos históricos, estaremos particularmente atentos às nuances linguísticas e iconográficas que, entre os séculos VIII e XVI, fundamentaram, deram forma, sentido e coerência as representações do espaço no Ocidente medieval cristão.

Palavras-Chave: Cartografia Medieval; Mapa-múndi; Textualidade; Latim; Vernácula.

Abstract: Writings and Images set throughout time a complex and fascinating relation of complementarity which extends between the most different context and historical realities. Under such perspective, this brief study aims to investigate the medieval cartographic production through its textual character, analyzing the responsible phenomenon for the transposition of the writings to the cartographic design. Taking into account the long duration of the historical process, we will be particularly attentive to the linguistic and iconographic aspects, which between the 8th and 16th centuries, substantiated, gave meaning, coherence and shape to the representation of the space in Medieval Christian west.

Keywords: Medieval Cartography; World Map; Textuality; Latin; Vernacular.

Cartographers manufacture power: they create a spatial panopticon. It is a power embedded in the map text. We can talk about the power of the map just as we already talk about the power of the word or about the book as a force for change. It is a power that intersects and is embedded in knowledge. It is universal¹.

J.B. HARLEY

A análise dos aspectos semânticos e textuais que recaem sobre tradições de caráter fundamentalmente imagético impõe-nos uma série de limitações e condicionantes historiográficas que esbarram não somente nos latentes particularismos das estruturas verbais e das representações iconográficas, mas, sobretudo, no

* Mestre em História Medieval – Doutorando em História – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro. Brasília, DF – Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: tborges_unb@hotmail.com

descompasso temporal muitas vezes estabelecido entre o tempo dos textos e o tempo das imagens, remetendo-nos a contextos e realidades plenamente diferenciáveis.

Pero Vaz de Caminha, por exemplo, procurou traduzir em palavras o fascínio diante da imagem de um novo mundo. Bruegel, por outro lado, transformou os provérbios de seu tempo em uma grande e caótica panóplia de imagens e símbolos². Nesses e em outros tantos exemplos conservam-se não somente a complexidade resultante das relações estabelecidas entre o ato de *ver* e *escrever*, mas, igualmente, as sutilezas da ação racional humana, suas interferências subjetivas, interesses objetivos, estruturas mentais e seus códigos linguísticos.

No âmbito da história da cartografia, que particularmente nos interessa aqui, estas relações revelam-se ainda mais expressivas, pois um mapa é, por essência, uma imagem, uma representação figurada do espaço capaz de assimilar, delinear e transmitir, por intermédio de símbolos e breves descrições textuais, as propriedades de uma dada realidade espacial. Para Du Cange, um mapa não deve ser entendido somente como um pequeno pedaço de “papel ou pano no qual a descrição do mundo está contida”³, mas sim como uma espécie de sudário que, lançado sobre o mundo, viria a revelar sua verdadeira face.

Por mais de mil anos, perpassando todo o período medieval, a produção cartográfica se fundamentou pela tentativa de sintetizar, em um único plano, os diferentes estratos que permeiam a percepção humana, descrevendo e representando espaços, eventos, personagens e animais de natureza real e imaginária, sagrada e profana. Até o século XVI, ressalta Jean-Marc Besse (2009, p. 4), o ato de mapear era considerado uma atividade de caráter essencialmente descritivo, sendo que alguns o faziam por intermédio de imagens, enquanto outros recorriam às linguagens verbais.

Durante o período medieval, com a crescente importância atribuída à dimensão simbólica das representações iconográficas, as relações estabelecidas entre os textos e as imagens adquirem maior importância e proeminência. Segundo François Garnier (1982, p. 82), as imagens medievais são constituídas a partir de uma verdadeira sintaxe iconográfica, beneficiando-se diretamente do texto no qual estão inseridas. Nutridas interna e externamente por descrições que fundamentam, dão forma, sentido e coerência a seus traçados, “estas imagens encontram-se no centro da concepção medieval do mundo e do homem, remetendo não somente a objetos figurados, mas também a imagens da linguagem, como metáforas, alegorias, *similitudines*, obras literárias ou de pregação” (SCHMITT, 2006, p. 593).

Por outro lado, ademais da estreita proximidade estabelecida em determinados contextos, é imprescindível considerar que a transposição do texto para a imagem não se processa de forma completa e absoluta, sem perdas, adições, interpretações e interferências subjetivas. Neste sentido, diferentemente daquilo que presumiu J. H. Andrews, acreditamos que as propriedades imagéticas das representações cartográficas não devam ser imediatamente comparadas com as estruturas semânticas das linguagens verbais. Para Andrews,

a cartografia se parece um pouco com a linguagem, embora a função gramatical das palavras nos mapas possa ser diferente de sua função em sentenças verbais. De outra maneira, a equivalência mais clara a uma palavra é um ponto de referência cartográfica, como uma cruz que representa uma igreja. Estes símbolos relembram os nomes comuns da linguagem verbal⁴ (ANDREWS, 1990, p. 3).

O método analítico adotado pelo autor, entretanto, deixa de considerar que textos e imagens, mesmo inseridos em um mesmo contexto – como numa iluminura medieval –, conservam as especificidades latentes de suas linguagens próprias, suscitando, aos olhos do observador, diferentes processos de percepção e análise. A cartografia, por sua vez, congrega textos e imagens de diferentes épocas e origens, constituindo, assim, uma linguagem extremamente singular, pois “enquanto o texto apresenta informações em uma ordem linear, o mapa é um híbrido bidimensional de símbolos textuais e gráficos; conseqüentemente, a leitura de um texto ou a compreensão de um mapa requerem métodos diferentes” (SCHÖLLER, 2013, p. 42).

Diante de tais especificidades, faz-se necessário, portanto, abordarmos estas linguagens a partir de perspectivas que contemplem, para além da simples crítica estruturalista, as implicações históricas resultantes das relações estabelecidas, nestes contextos, entre textos e imagens. Propomo-nos, assim, a analisar essas relações a partir de três níveis distintos: dos termos e conceitos atribuídos à produção e as representações cartográficas; da influência dos textos clássicos sobre a formulação de uma nova imagem do mundo no Ocidente medieval e; dos processos de modificação desta imagem e da incorporação, em finais da Idade Média, dos primeiros escritos em linguagem vernacular.

Neste sentido, recorrendo à longa duração dos processos históricos, os testemunhos cartográficos a serem contemplados neste breve estudo estendem-se entre os séculos VIII e XVI, momento em que se observa a formação e a consolidação de uma imagem do mundo construída, legitimada e sacralizada pela ótica da cristandade

medieval. Imagem que transita entre os fundamentos da tradição clássica e os novos horizontes geográficos traçados no alvorecer da modernidade ocidental. Esperamos, assim, que o estudo das estruturas formais, mentais e linguísticas que permeiam o vasto universo das representações cartográficas medievais nos permita compreender, ainda que em partes, as relações de dominância e poder, as práticas sociais e religiosas, os homens, as verdades e as temporalidades que permanecem subscritos nos longos traços que compõem um mapa-múndi medieval.

A cartografia medieval, seus termos e conceitos

Os primeiros estudos sistemáticos empreendidos no âmbito da cartografia histórica são relativamente recentes, datam somente da primeira metade do século XIX, momento em que se observou a necessidade de coligir, catalogar, quantificar e qualificar os documentos e mapas existentes. Nascia, assim, entrelaçada aos princípios do positivismo francês e do historicismo alemão, a *cartographia*. Ainda que de aparência tão antiga quanto à própria produção cartográfica, o estabelecimento um vocábulo próprio para designar este tipo de *sciencia* deve-se ao geógrafo português Manuel Francisco Carvalhosa – o 2º Visconde de Santarém – que em 1839, em carta enviada ao historiador brasileiro Francisco Varnhagen, sublinhava: “invento esta palavra já que ahi se tem inventado tantas” (*apud* CORTESÃO, 1975, p. 268).

Os princípios fundamentais da *cartographia* do Visconde de Santarém vinculavam-se aos critérios de cientificidade de seu tempo, fazendo com que os estudos em cartografia não raras vezes se restringissem a sua dimensão material, positiva e imediata. Quase dois séculos após a sua criação, entretanto, os conceitos e fundamentos que norteiam a produção e os estudos cartográficos passariam por importantes e decisivas modificações, adequando-se as diferentes formas de percepção e representação dos espaços naturais e humanos ao longo dos tempos. Estamos diante, portanto, de um objeto em constante ressignificação, que se renova com as especificidades de cada período, com o desenvolvimento de novas teorias ou tecnologias.

Em uma perspectiva teórica, estes conceitos não podem ser pensados enquanto elementos estáticos, pois assimilam as especificidades semânticas que, em diferentes contextos e temporalidades, incidem sobre suas formas textuais, atribuindo sentidos e significados que são extremamente variáveis no tempo e no espaço. Prisioneiro de sua

própria etimologia, Reinhart Koselleck (2006, p. 101) assinala que “um conceito, seja ele qual for, abre determinados horizontes ao mesmo tempo em que atua como limitador das experiências possíveis”. Neste sentido, a variação semântica destes conceitos acompanha, ainda que não de forma absoluta, as oscilações inerentes a seus contextos históricos.

O vocábulo ‘mapa’, por exemplo, que utilizamos contemporaneamente para fazer referência às nossas representações cartográficas, é derivado da expressão latina *mappa* que, apesar de originalmente designar um pequeno pedaço de tecido, já era utilizado desde os tempos antigos com sentidos e significados muito semelhantes àqueles que conhecemos atualmente. Nestes contextos é possível observar a utilização corrente de expressões como *forma*, *figura*, *pinax*, *tabula* ou *orbis pictus* que, apesar de suas especificidades, eram comumente utilizadas para fazer referência aos textos e imagens que se vinculavam às formas de descrição e representação dos espaços terrestres.

No decorrer da Idade Média, com as sucessivas corrupções da língua latina, esses termos se multiplicariam, passando por significativas alterações. Em finais do século VIII, por exemplo, o monge Beato de Liébana fez uso da expressão *formula picturarum* para se referir ao grande mapa-múndi que acompanhava a edição pictórica de seu *Commentarium in Apocalypsin*⁵. Séculos mais tarde, Hugh de Saint-Victor⁶ e Ranulf Higden⁷ recorreriam ao termo *mappa mundi* para designar não o mapa em si, mas as descrições textuais que acompanhavam a iluminura. Em outros tantos contextos, expressões sinonímicas como *images mundi*, *pictura*, *descriptio* ou *orbis terrarum* foram igualmente utilizadas para fazer referência a representações extremamente semelhantes, senão com sentidos idênticos.

Contudo, convém destacar que, no Ocidente medieval, o conceito de *imago* – do qual evidentemente deriva o termo *imago mundi* – restringe-se às imagens compostas em suportes materiais como, por exemplo, um fólio de pergaminho. Chamamos atenção para esta especificidade, pois, nesses contextos, a *imago* distinguia-se, ainda que sem oposição direta, das chamadas imagens mentais, constituídas nos domínios da *imaginatio*. Ainda que distintas, elas são estritamente complementares e não podem ser separadas de forma absoluta, pois comprometeriam o entendimento das formas, dos sentidos e das simbologias das imagens medievais.

Entretanto, essas imagens não são únicas formas de concepção e representação do espaço no Ocidente medieval. Para além do latente simbolismo inerente à produção cartográfica medieval, é possível observar as reminiscências de uma longa tradição

latina de textos, glosas e itinerários que se vinculavam às necessidades reais de localização e locomoção. Amplamente utilizadas em viagens de peregrinação, em rotas comerciais ou em expedições militares, as descrições do espaço raramente apresentavam algum tipo de imagem ou mapa, pois eram elaboradas a partir de uma grande compilação de nomes e referências topográficas, muitas das quais apropriadas de textos e autores clássicos. Um dos exemplos mais expressivos desta tradição deve-se a uma mulher, Egéria, uma monja hispânica que, em finais do século IV, registrou as liturgias e os caminhos percorridos durante sua longa viagem de peregrinação à Terra Santa⁸.

Em um mesmo contexto, evidencia-se o estabelecimento de dois modos de representação distintos, um textual ou imagético, que apesar de suas especificidades “reforçam o esforço consciente de muitos autores para tornar o mundo material um espelho da história bíblica” (KLINE, 2005, p. 222). São estas múltiplas associações entre o texto, a simbólica, a memória e os sentidos evocados por seus traçados que conferem à produção cartográfica medieval uma ampla diversidade de formas, cores, símbolos e significados. Seria, portanto, completamente inverossímil pensar que estas descrições do mundo medieval evocam, para os homens de seu tempo, os mesmos sentidos, funções e significados que atribuímos, contemporaneamente, a nossas formas de concepção e representação do espaço.

Postas essas questões, resta-nos delinear a amplitude das influências exercidas pela tradição clássica sobre as representações do espaço na Idade Média para, mais adiante, compreendermos como estas formas serão progressivamente alteradas com o estabelecimento dos primeiros escritos em linguagem vernacular.

Do texto clássico à imago mundi medieval

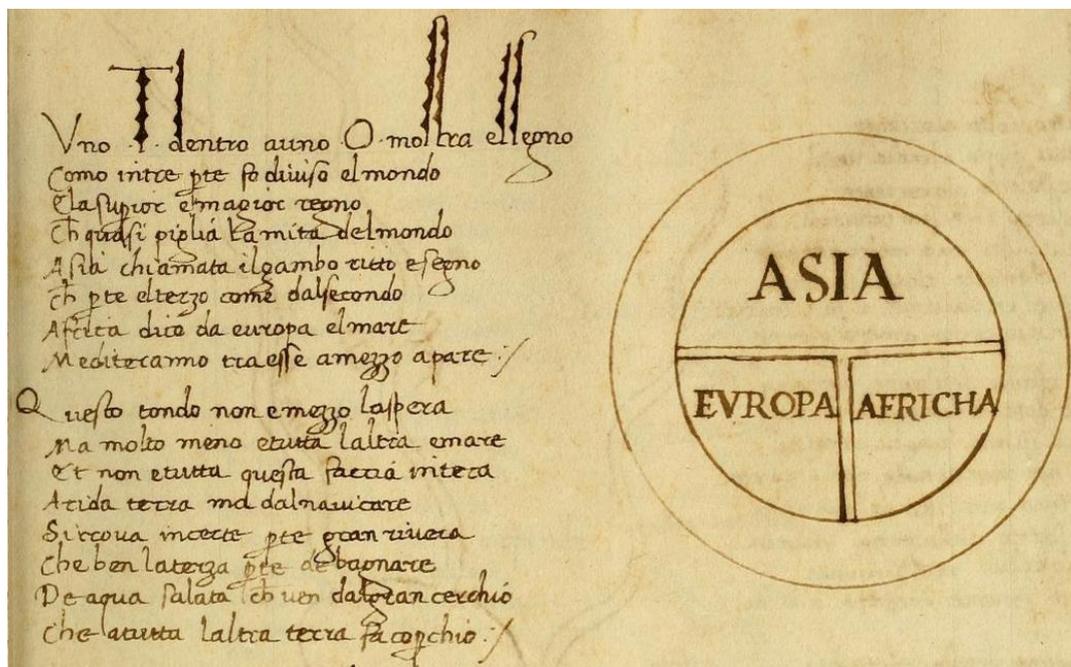
A influência da tradição clássica sobre as formas de concepção e representação do espaço no Ocidente medieval é extremamente profusa e diversificada. Suas raízes remetem-nos a poética de Homero, as *Histórias* de Heródoto, a crônica de Salústio ou aos relatos de viagem de Cosmas, textos que, por assimilação, transmissão e cópia, transitaram entre diferentes períodos e contextos, contribuindo para a formação e consolidação de uma nova imagem do mundo⁹.

Ademais de suas especificidades, estes textos e diagramas estruturam-se a partir de um modelo arquetípico, fundamentados pelas descrições de um ecúmeno circular, tripartido, plano no nível das terras habitáveis e esférico no nível da astronomia. Assim,

durante toda a Alta Idade Média, os autores dos textos e os iluminadores dos diagramas e cartas foram os herdeiros da Antiguidade tardia: herdeiros dos textos onde os conhecimentos sobre o espaço da *orbis terrarum* foram sistematizados graças à *Potestas Romana*, que transmitiram um enorme estoque de nomes geográficos e étnicos frequentemente reproduzidos sobre a forma de listas organizadas; foram herdeiros de diagramas que colocaram em cena os conceitos e as teorias sobre a estrutura do cosmos e da terra (DALCHÉ, 2013, p. 29)¹⁰.

As reminiscências da tradição clássica manter-se-iam vivas através dos séculos, encontrando referências diretas mesmo em contextos mais tardios, quando as línguas clássicas já se viam confrontadas pela consolidação das línguas vernaculares. Em princípios do século XV, por exemplo, os humanistas Leonardo e Gregório Dati retomariam os princípios fundadores da cosmografia antiga para, em italiano, descrever as formas e limites do mundo habitável¹¹ (imagem 1).

Imagem 1: Detalhamento da cópia manuscrita do tratado *La Sfera* de Leonardo e Gregório Dati, 1484.



Fonte: Boston, Public Library. Disponível em: <https://archive.org/details/lasfera00dati>, acesso 19/01/2016.

Essas permanências, entretanto, não se restringem à sua dimensão textual. Concebidos a partir de uma longa tradição de textos clássicos, os primeiros traçados cartográficos do mundo medieval se estruturavam a partir de um modelo fundador – comumente designado como modelo T/O. Do texto ao traçado cartográfico, estas representações mantiveram-se permanentemente abertas a visões particulares que enxergavam, para além de suas formas primordiais, as mais diversas possibilidades de representação gráfica das realidades espaço-temporais.

Por seu gosto enciclopédico, essas singulares expressões da cultura medieval não devem ser concebidas ou sistematizadas como simples instrumentos operativos, uma vez que, neste caso específico, “o espaço adquire fisionomia cartográfica essencialmente vinculada a uma estrutura alegórica, com referências apenas ocasionais à conformação terrestre, mesmo quando era perfeitamente conhecida” (TUCCI, 1984, p. 139). É possível, pois, pensarmos esta dicotomia espacial sob uma dupla perspectiva teórica: uma objetiva, imediata e sensitiva; outra subjetiva, intimamente dependente dos códigos mentais, das lógicas culturais e das práticas sociais de cada civilização em particular.

Desse modo, um simples círculo tripartido poderia incorporar notações de caráter geográfico, histórico, natural e religioso que descreviam a existência de povos, personagens, eventos e cidades que, muitas vezes, estavam dissociados no tempo e no espaço. Nesse sentido, seria extremamente redutor pensarmos que os processos de concepção e produção de um mapa-múndi medieval se limitavam a simples cópia de modelos arquetípicos, sem quaisquer interferências subjetivas de seus criadores.

Sob a tutela da institucional da Igreja, esses modelos passariam a receber novos e peculiares significados, servindo de espaço para a representação dos princípios fundamentais da teologia cristã. Nesse novo sistema de crenças e verdades, a tripartição da *orbis terrarum* associava-se simbolicamente à Santíssima Trindade, à cruz e ao sacrifício de Cristo, aos filhos de Noé, à dispersão dos apóstolos e Jerusalém, seguindo as profecias de Ezequiel¹², aproximava-se do centro dos mapas destronando antigas concepções pagãs¹³.

Estamos diante de um complexo processo de assimilação e adequação da tradição clássica pela teologia medieval, elementos que, em maior ou menor grau, contribuíram para o estabelecimento, no Ocidente medieval cristão, de uma nova imagem do mundo¹⁴. Imagem alicerçada por tradições distintas que convergem e interagem sobre o vasto universo das representações cartográficas medievais, fazendo com que textos clássicos, referências bíblicas e exortações patrísticas coexistam em um

plano aparentemente homogêneo. Mais do que simples cartogramas esquemáticos, essas imagens tornaram-se verdadeiras enciclopédias visuais, capazes de assimilar, sintetizar e reproduzir os conhecimentos de seu tempo¹⁵.

Situados entre o peso de antigas tradições e as especificidades de seus contextos circundantes, seria razoável pensarmos um mapa-múndi medieval como uma espécie de mosaico de peças disformes que, em conjunto, compõem uma grande e complexa imagem do mundo. Dentre essas peças, duas, em especial, nos despertam particular interesse. Vejamos, portanto, a partir de alguns exemplos pontuais, as proposições cosmográficas sedimentadas nas obras de Paulo Orósio e Isidoro de Sevilha, autores que, ao longo de toda a Idade Média, consolidar-se-iam como uma das mais importantes bases de fundamentação para as representações cartográficas medievais.

A tradição orosio-isidoriana: o estudo de dois casos específicos

Em princípios do século V, Paulo Orósio, presbítero hispânico da Bracara Augusta, ao escrever o primeiro dos sete livros de suas *Historiae Adversus Paganos*, evocava a *autorictas* dos escritores clássicos para sustentar os pilares fundamentais de sua visão de mundo:

Nossos antepassados fizeram uma tripla divisão do mundo, que era cercada pelo oceano na sua periferia. A estas três partes eles chamavam Europa, África e Ásia, cercadas nos três lados pelo Oceano, que se estendia por todo o Leste¹⁶.

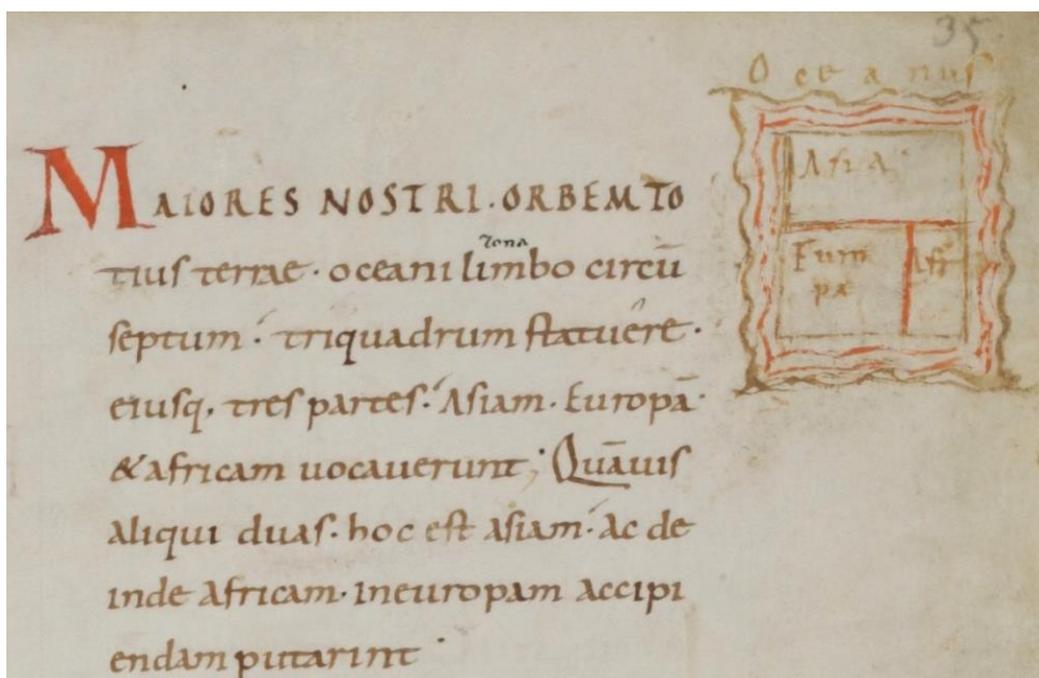
As reminiscências do pensamento clássico sobre os escritos orosianos são extremamente expressivas, tornando-se particularmente latentes pela referência direta aos *maiores nostri*. Estabelecidos em um ponto de clivagem entre a Antiguidade Tardia e o alvorecer da medievalidade ocidental, os postulados cosmográficos de Orósio não apresentam inovações significativas, pois se consolidam segundo os princípios de uma antiga tradição latina, limitando-se, portanto, ao relato descritivo das terras e províncias conhecidas pela própria experiência empírica ou pela autoridade quase incontestável do ouvir dizer.

Por seu caráter estritamente descritivo, a obra de Orósio enquadrar-se-ia naquilo que David Woodward (1987, p. 294) designou como “mapas-múndi não esquemáticos”, uma vez que não há indícios plenamente assertivos que nos levem a pensar que suas *Historiae* tenham sido concebidas com o intuito de incorporar quaisquer espécies de

imagens ou mapas. Não existe, e possivelmente nunca existiu, nenhum mapa de Orósio, mas sim, mapas pensados e traçados a partir de suas descrições textuais. O que nos resta, na melhor das hipóteses, é uma longa lacuna de quase três séculos que separa esse tratado apologético e os primeiros traçados cartográficos do mundo medieval¹⁷.

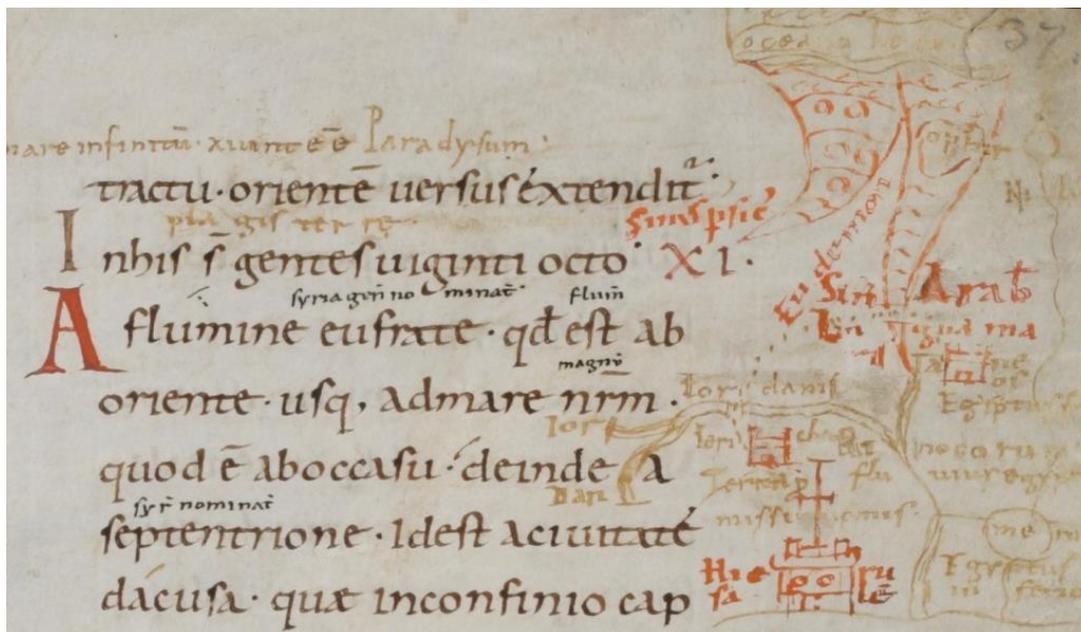
Entretanto, nesse contexto de ausências e incertezas, um códice nos desperta particular atenção. Produzido no último quartel do século IX, a cópia manuscrita das *Historiae Adversus Paganos* que atualmente se conserva na Stiftsbibliothek de Saint-Gall¹⁸, apresenta, para além do texto de Orósio, cerca de 7400 glosas e apontamentos marginais realizados, em meados do século XI, por Ekkehard IV¹⁹. Estas adições se estendem por todo o manuscrito e exercem uma função claramente pragmática, servindo de orientação e referência para os momentos de leitura e estudo. Dentre estas glosas incluem-se, ainda, três pequenos cartogramas esquemáticos que acompanham as descrições cosmográficas do primeiro livro das *Historiae* de Orósio (imagens 2, 3 e 4).

Imagem 2: Detalhamento do Codex Sangallensis 621, séc. IX.



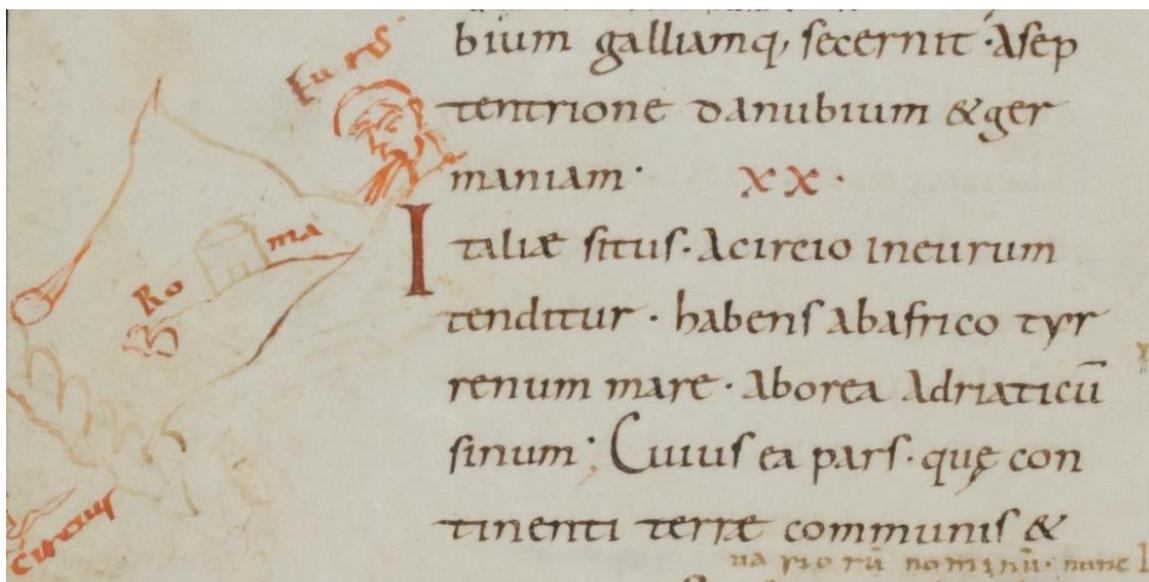
Fonte: Paulo Orósio, *Historiarum Adversus Paganos libri VII*. Saint Gallen, Stiftsbibliothek, Cod. Sang. 621, f. 35. Disponível em: <http://www.e-codices.unifr.ch/en/csg/%200621/35/0/%20Sequence-621>, acesso 18/01/2016.

Imagem 3: Detalhamento do Codex Sangallensis 621, séc. IX.



Fonte: Paulo Orósio, *Historiarum Adversus Paganos libri VII*. Saint Gallen, Stiftsbibliothek, Cod. Sang. 621, f. 37. Disponível em: <http://www.e-codices.unifr.ch/en/csg/%200621/37/0/%20Sequence-621>, acesso 18/01/2016.

Imagem 4: Detalhamento do Codex Sangallensis 621, séc. IX.



Fonte: Paulo Orósio, *Historiarum Adversus Paganos libri VII*. Saint Gallen, Stiftsbibliothek, Cod. Sang. 621, f. 42. Disponível em: <http://www.e-codices.unifr.ch/en/csg/%200621/42/0/%20Sequence-621>, acesso 18/01/2016.

Apesar da simplicidade de suas formas, esses pequenos cartogramas fazem referência a elementos essenciais para a compreensão da cosmografia cristã, tais como a tripartição da *orbis terrarum* e a importância atribuída às cidades de Jerusalém e Roma. Seguindo estritamente o texto, cada um desses situa-se imediatamente às margens das descrições que os fundamenta.

O *triquadrum* orosiano, por exemplo, é representado por Ekkehart no canto superior direito do fólio 35, juntamente com as descrições textuais de assinalam os limites e divisões entre os três continentes (*Adversus Paganos*, I, 2, 1)²⁰. No fólio 37, o enfoque textual recai sobre as descrições da Ásia Menor e Síria, espaço onde se situam alguns dos mais importantes marcos da narrativa bíblica. Diante do texto (*Adversus Paganos*, I, 2, 23)²¹, Ekkehart traça os contornos da *Terra Promissionis* conferindo especial destaque às representações de *Hierusalem* e do *Mare Rubrum*, locais de culto e devoção que encontram-se intimamente associados à vida e a paixão de Cristo. Por fim, no fólio 42 (*Adversus Paganos*, I, 2, 61)²², o monge de Saint-Gall opta por representar a cidade de Roma a partir da inclusão de uma pequena edificação situada no alto de uma colina, ladeada pelos ventos *Eurus* e *Circius* que, como em outras representações do período, assumem uma forma antropomórfica.

Para além dos aspectos iconográficos, é interessante destacarmos ainda a convergência, em um único manuscrito, de três temporalidades distintas que nos remetem, respectivamente, ao texto orosiano, à produção do códice no século IX e às adições de Ekkehart em princípios do século XI. Em cada um destes, é possível observar as sutilezas e especificidades das formas de apropriação, produção e transmissão do conhecimento ao longo dos tempos. No século V, por exemplo, Orósio, guiado pela autoridade daqueles que o antecederam, não via a necessidade de iluminar sua obra com representações que viessem a facilitar a compreensão do texto escrito. Séculos mais tarde, entretanto, Ekkehart expressava outro sentimento acerca da importância e do poder didático das imagens. Essas distinções, evidentemente, não são frutos de um acaso qualquer.

Orósio conviveu com as incertezas de um tempo de consternação e mudança, em que o Cristianismo se viu constantemente confrontado pela ameaça de povos e doutrinas pagãs. Tempo em que as imagens sagradas, pelo risco de idolatria, situavam-se no centro de um intenso conflito com profundas ressonâncias na estrutura institucional e dogmática da nascente Igreja. Ekkehart, por outro lado, insere-se em um contexto permeado por uma verdadeira *cultura de imagens* que, incorporando e sacralizando antigas tradições, tornava visível o invisível, dando forma e dimensão aos horizontes materiais e espirituais das comunidades cristãs²³.

Outro exemplo expressivo para compreendermos as relações estabelecidas entre as descrições textuais e os traçados cartográficos, pode ser verificado nas cópias remanescentes do *Commentarium in Apocalypsin* do Beato de Liébana. Os *Beatos*, como são comumente denominados pela historiografia, consolidam-se enquanto uma

tipologia específica de manuscritos ricamente iluminados produzidos na Península Ibérica e em algumas zonas de influência hispânica entre os séculos IX e XIII e conservam uma das mais singulares e inovadoras formas de interação entre textos, imagens e mapas²⁴.

Aguçando sentidos e sensibilidades díspares, a relação de interdependência estabelecida entre estes elementos esboça os limites de um discurso lógico, coerente e capaz de auxiliar na edificação espiritual de seus irmãos correligionários²⁵. Com o claro intuito de fornecer ao leitor um discurso simplificado e de fácil compreensão²⁶, o texto recorre constantemente ao apelo didático-visual das expressões iconográficas que, por sua vez, dão forma, cor e movimento a seus respectivos ecos verbais. Assim, oscilando com extrema naturalidade entre exposições morais, notas alegóricas e interpretações históricas, o Beato de Liébana evoca a autoridade dos Santos Padres e doutores da Igreja para consolidar e legitimar as predicções iniciais de sua obra:

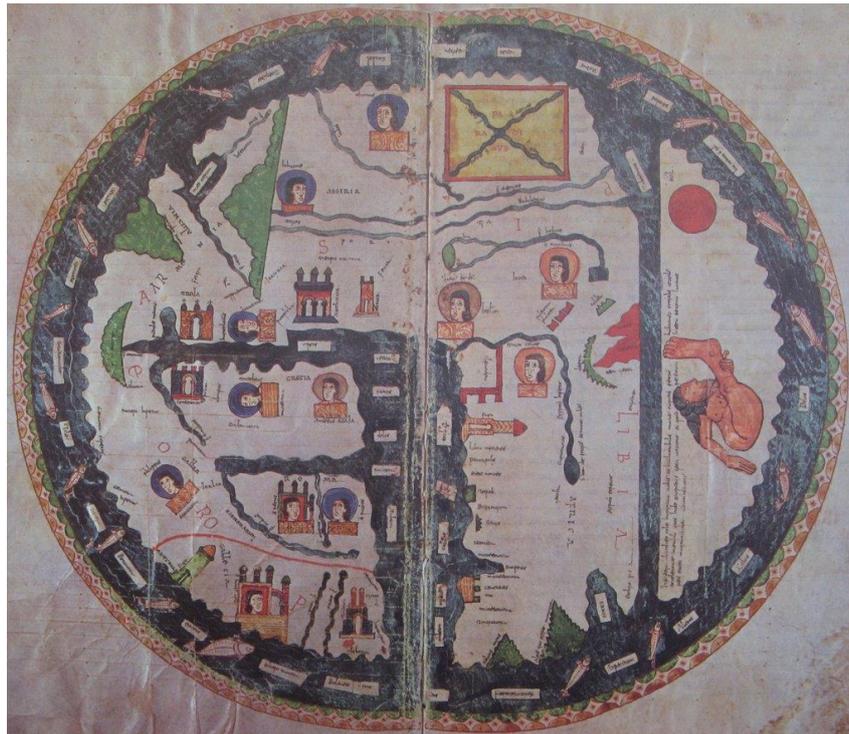
As explicações expostas neste pequeno livro não se devem a mim, mas aos santos padres que firmam sua autoridade, isto é, Jerônimo, Agostinho, Ambrósio, Fulgêncio, Gregório, Ticônio, Irineu, Apringio e Isidoro; O que não é entendido quando lido em outros livros, será neste, pois está escrito em linguagem comum, e embora em alguns pontos se possa errar, está escrito com absoluta fé e devoção (*Beatos*, Prefácio, 1, 12-17)²⁷.

No âmbito das representações cartográficas, os mapas dos *Beatos* aproximam-se fundamentalmente dos postulados cosmográficos de Isidoro de Sevilha, elemento que pode ser evidenciado em todos os testemunhos remanescentes dessa tradição pela presença de uma “quarta parte do mundo, situada para além do Oceano interior e desconhecida por nós pelo ardor do Sol”²⁸. Ainda que sem vínculo imediato com o texto apocalíptico, estes traçados cartográficos foram originalmente pensados com o intuito de representar a dispersão apostólica – *sortes apostolorum* – pelo ecúmeno terrestre, complementando as descrições presentes no prólogo ao livro segundo:

Estes foram os discípulos de Cristo, predicadores da fé e doutores dos povos. Os doze apóstolos, ainda que todos sejam somente um, cada um deles recebeu um destino próprio para pregar pelo mundo. Pedro, Roma; Andreas, Acaia; Tomás, Índia; Tiago, Hispania; João, Ásia; Mateus, Macedônia; Felipe, Gália; Bartolomeu, Licônia; Simão Zelotes, Egito; Matias, Judeia; Tiago, irmão do Senhor, Jerusalém. A Paulo, não se assinala nenhuma zona própria, como ao restante dos apóstolos, porque é elegido maestro e predicador de todos os povos gentis²⁹ [...]; Foram poucos, mas elegidos. E de estes pequenos grãos, surgiu uma grande colheita. E para que se vejam mais facilmente os grãos semeados pelos campos do mundo, que os profetas trabalharam e colheram, demonstra a pintura que se segue (*Beatos*, Prólogo Livro II, 3, 48-52; 72-84)³⁰.

A relação estabelecida entre textos e imagens nesse contexto é impressionante. Ainda que nem todos os mapas remanescentes conservem as formas originalmente pensadas pelo Beato de Liébana, é possível observar, entre os descendentes da primeira edição pictórica dos *Beatos*, que a representação da diáspora apostólica se faz por meio da inclusão dos bustos dos doze apóstolos em seus respectivos locais de pregação evangélica. Em alguns casos, como no mapa-múndi do *Beato* de Osma, estas imagens são traçadas em estilo românico, assumindo, portanto, uma feição isocefálica. Nimbados, os apóstolos encontram-se assentados em pequenas bases retangulares ornamentadas por diferentes motivos decorativos e são acompanhados por duas breves legendas que assinalam, em latim, o nome e a região do apóstolo ali representado (imagem 5).

Imagem 5: Mapa-múndi do *Beato* de Osma, 1086.



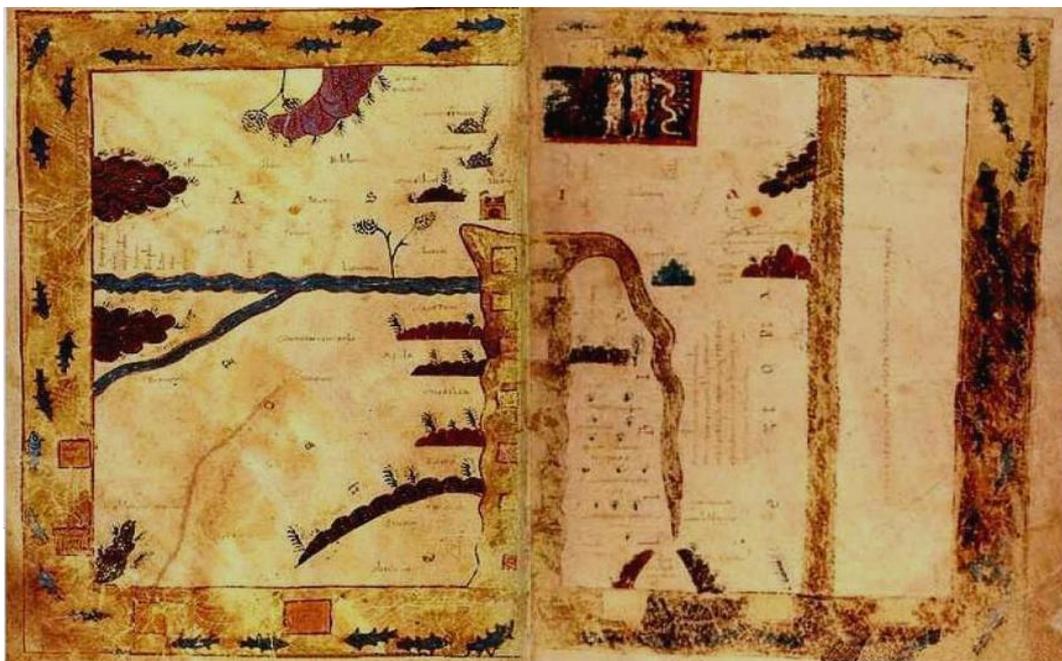
Fonte: Burgo de Osma, Arquivo de la Catedral, Cod. 1, ff. 34v-35. Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/04/Beato_de_Liebana_Burgo_de_Osma_1086.jpg, acesso 18/01/2016.

Essas não seriam, entretanto, as únicas formas de representação das *sortes apostolorum* no contexto da larga tradição cartográfica dos *Beatos*. Considerando os processos de transmissão, apropriação e modificação dos textos e imagens que

originalmente compunham a obra exegética do Beato de Liébana, é possível verificar o estabelecimento, em muitas das cópias remanescentes, de um nítido descompasso entre textos e imagens.

Essas alterações devem-se, em grande medida, às modificações empreendidas, na primeira metade do século X, por Magius, iluminador do mosteiro de San Salvador de Tábara e responsável pela produção de pelo menos duas cópias manuscritas do *Commentarium in Apocalipsin*³¹. Das mãos de Magius, terão nascidos dois protótipos cartográficos sensivelmente diferenciados, incorporando novas e peculiares formas de representação. Suprimidos dos mapas, os apóstolos – símbolos maiores desta tradição – acabariam deslocados para outras iluminuras ou seriam simplesmente substituídos por breves inscrições topográficas. O que se observa, portanto, é a clara predileção de Magius por um traçado sem grandes expressões iconográficas, que se encontra primordialmente atrelado à ampla utilização de epígrafes e legendas que viessem a remarcar as diferentes partes e propriedades do *orbis terrarum* (imagem 6).

Imagem 6: Mapa-múndi do Beato de Escalada, c. 940.



Fonte: New York, Pierpont Morgan Library, MS M.644 fol. 33v-34r. Disponível em: <http://ica.themorgan.org/manuscript/page/18/110807>, acesso 18/01/2016.

Envolto por uma realidade extremamente peculiar, Magius conviveu com as tênues fronteiras do universo moçárabe, entre as tentativas de sobrevivência da cultura cristã e as constantes imposições do califado de Córdoba. Nesse sentido, em razão da influência árabe e do caráter notadamente iconoclasta de sua cultura, seria pertinente

conjecturarmos que o protótipo cartográfico de Magius tenha sido concebido com o intuito de simplificar ou mesmo eliminar muitas das formas e representações originalmente expressas pelos mapas dos *Beatos*, seguindo, em certa medida, os padrões figurativos próprios da cartografia árabe. Ainda que de ordem estritamente iconográfica, essas modificações acabariam por incidir sobre o sentido e as intenções originalmente evocadas por estes mapas.

Pelas mãos de Ekkehart, do Beato ou de Magius, a tradição clássica e os escritos de Orósio e Isidoro assumiriam formas, sentidos e funcionalidades específicas que, em certa medida, somente poderiam ser compreendidas se considerássemos as especificidades de seus contextos de produção, uma vez que, diante da imagem, estaremos sempre diante do tempo (DIDI-HUBERMAN, 2000, p. 16).

As cartas-portulano entre as línguas clássicas e vernáculas

A incorporação dos primeiros escritos em linguagem vernacular pode ser timidamente verificada desde meados do século XI³². Entretanto, essas referências manter-se-iam estritamente breves e circunstanciais até a segunda metade do século XIV, momento em que a produção cartográfica medieval experimentava o início de um longo processo de ressignificação de seus sentidos e funcionalidades primordiais, incorporando novos códigos, símbolos e linguagens.

Até o final do século XV, contabilizam-se cerca de 900 mapas-múndi inseridos em códices ou em alguma espécie de manuscrito, dos quais 740 estão em latim, 85 em francês, 60 em italiano e 15 em grego (DESTOMBES, 1964). Em língua portuguesa, a menção mais antiga da qual se tem notícia encontra-se conservada em uma Carta Régia, datada de 22 de Outubro de 1443, na qual o Infante D. Pedro ordena que navios sejam enviados “a saber parte da terra que era além do cabo do bojador por que atee Entã ñõ auja njngem na cristendade que dello soubesse parte nem sabiam se avia la poboraçã ou ñõ nem djretamente nas cartas de marear nem mapamundo ñõ estauam debuxadas” (apud CORTESÃO, 1969, p. 118).

De origem e datações incertas, essas *cartas de marear* distinguem-se significativamente dos *mapamondo* medievais, pois evocam sentidos, expressões e funcionalidades extremamente particulares. Para Monique de La Roncière (1984, p. 11), essas distinções fundamentam-se no empirismo e nas necessidades práticas daqueles que produziam e faziam uso operativo destas cartas, em um momento em que a produção cartográfica passava a repensar suas intenções e métodos. Designadas como

cartas pro navigando, *mappae maris* ou simplesmente *portulanos*³³ estas representações ganharam particular atenção e notoriedade em finais da Idade Média, impulsionadas pela ânsia expansionista dos nascentes Estados europeus.

Para muitos historiadores, a consolidação desses novos modelos cartográficos representa uma ruptura definitiva com legado medieval, estabelecendo um dos mais importantes pontos de virada em toda a história da cartografia (CORTESÃO, 1969, p. 215). Em semelhante medida, para Gerald Crone (1978, p. 28), somente a completa quebra com a tradição medieval seria capaz de impulsionar o desenvolvimento de uma nova tipologia de mapas que se adequasse às necessidades e exigências de um novo tempo, produzindo, assim, aquilo que Raymond Beazley definiu como “*the first true maps*” (1904, p. 159).

Sob tais perspectivas, as representações cartográficas anteriores seriam vistas um mero devaneio artístico, visto que “quando os cartógrafos não tinham nem o conhecimento geográfico nem a habilidade cartográfica para fazer mapas precisos, a fantasia e a arte tinham rédeas soltas” (REES, 1980, p. 63)³⁴. As incoerências e os reducionismos dessas afirmações são extremamente latentes, entretanto, continuam a ser replicados por uma parcela significativa dos historiadores da cartografia que, em defesa de uma visão estritamente cientificista e evolucionista, restringem-se a caracterizar a produção cartográfica medieval como um período de obscuridade dogmática e de estagnação do conhecimento.

Estas afirmações, entretanto, não se limitam a ânsia positivista da historiografia contemporânea. Em meados do século XV, por exemplo, o autor anônimo de um mapa de origem genovesa destaca em sua obra que “*Hec est uera cosmographorum cum marino accordata des[crip]cio quorundam frivolis naracionibus rejectis 1457*”. Entre a rejeição do antigo e a valorização do tempo presente, o autor esquece-se de considerar que sua obra conserva, ainda que inconscientemente, traços evidentes de uma mentalidade medieval, aspecto que se revela em diversas representações do mapa (imagem 7).

Imagem 7: Detalhamento de um planisfério genovês anônimo, 1457.



Fonte: New York, Hispanic Society of America, 1912, edição *fac-símile*. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3200.ct002087/>, acesso 26/01/2016.

Ainda que muitos tentem a advogar o contrário, a influência do pensamento medieval sobre a constituição dos novos modelos cartográficos é extremamente ampla e expressiva. Ao analisarmos os testemunhos deste período encontraremos, com relativa facilidade, uma diversidade de representações e referências que nos remetem às práticas e ao imaginário de outros tempos. Disto são exemplos as representações do *Mare Rubrum* no Planisfério de Cantino³⁵, da cidade de Jerusalém no mapa de Domingos Teixeira³⁶ ou dos animais fantásticos em diferentes espaços do Atlas Miller de Lopo-Homem e Reinéis³⁷. Não nos vemos, portanto, diante de um processo de ruptura abrupta e absoluta, mas sim do desenvolvimento de novas formas que, nutrindo-se de textos, representações e tradições antigas, passavam a se adequar às necessidades e anseios de seu tempo.

Com relação aos aspectos textuais que recaem sobre estas novas formas de representação do espaço, é possível observar o estabelecimento de um lento processo de mudanças estruturais que brandem entre a utilização usual do latim e a progressiva incorporação de expressões vernaculares. Dentre os testemunhos mais antigos desta tradição, tal como a *Carta Pisana* (c. 1275-1300) ou os mapas de Pietro Vesconte (1311-1321), as descrições toponímicas, cosmográficas e os apontamentos marginais recorrem quase que exclusivamente ao emprego da língua latina. A *Carta Mediterranea*

de Pietro Vesconte, por exemplo, apresenta uma pequena legenda, em latim, que assinala a autoria, a procedência e a datação da obra: *Petrus vessconte d'Ianua fecit istam tabula venecia anno dmi M ccc xviii* (imagem 8).

Imagem 8: Detalhamento da Carta Mediterrânea de Pietro Vesconte, 1318.



Fonte: Veneza, Museo Correr, Cl. XLIVa n°. 0028. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5a/Cartographer_Pietro_Vesconte_\(1318\).jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5a/Cartographer_Pietro_Vesconte_(1318).jpg), acesso 26/01/2016.

Essas realidades, entretanto, não tardariam a mudar. A partir da segunda metade do século XIV, muitos cartógrafos, mesmo sem abandonar definitivamente a utilização do latim, passavam a incorporar as primeiras expressões vernaculares em seus mapas e cartas náuticas. Nesse contexto, o Atlas Catalão, de 1375, se notabiliza pela expressiva quantidade de textos, excertos, descrições e topônimos escritos em linguagem vernacular, ainda que grande parte destes sejam cópias ou simples traduções de textos antigos, escritos originalmente em grego, latim ou árabe.

Em outros casos, é possível verificar o estabelecimento de determinados padrões de utilização destas línguas que serviriam igualmente como formas simbólicas para destacar ou distinguir determinados espaços. No Planisfério de Cantino, por exemplo, o cartógrafo opta por assinalar as terras, reinos, portos e demais divisões da Terra em português, enquanto, para as notações cosmográficas, recorre somente à utilização de expressões latinas. Esse padrão repete-se por toda a carta. À esquerda, segmentando as representações do continente americano, um longo traço vertical assinala que “*Este he o marco dantre castella. e portugall*”. Logo abaixo, temos notícia de que “*toda esta terra*

he descoberta p[er] mandado del Rey de castella”. Em outros pontos do manuscrito, entretanto, deparamo-nos com diversas inscrições latinas que evidenciam os limites do *Tropicus capricorni*, *Tropicus câ[n]cer*, *Circulus articus*, *Pollus antarticus*, etc. (imagem 9).

Diante de tais constatações, acreditamos que as distinções linguísticas possam estar relacionadas a uma espécie de ‘jogo de escalas’, que oscila entre os particularismos próprios daqueles que pensaram, traçaram e fariam uso operativo destas imagens e a universalidade dos conhecimentos geográficos apresentados em uma linguagem de caráter universal.

Imagem 9: Detalhamento de algumas descrições toponímicas no Planisfério de Cantino, c. 1502.



Fonte: Modena, Biblioteca Estense Universitária. Disponível em:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Cantino_planisphere_%281502%29.jpg, acesso 26/01/2016.

Para além desses padrões linguísticos, existe um nítido contraste cromático entre as expressões textuais que, neste e em outros tantos casos, oscilam comumente entre a utilização de tons pretos, esverdeados ou avermelhados (imagem 10). Dado seu caráter prático e funcional, estes manuscritos são dotados de uma clara linguagem de ordem semiológica que viria a facilitar a compreensão das imagens e símbolos inseridos nas cartas. Desta maneira, “a intenção de facilitar a leitura da carta preside a disposição da nomenclatura litorânea; assim, [na carta] Pisana, os nomes dos portos são escritos em preto, salvo os mais importantes que são indicados em vermelho”³⁸ (RONCIÈRE, 1984, p. 15).

Imagem 10: Detalhamento da costa ocidental da África no Planisfério de Cantino, c. 1502.

- CORTESÃO, Armando. *Esparsos*, 3 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1975.
- _____. *História da Cartografia Portuguesa*, 2 vols. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1969-1971.
- CRONE, Gerald. *Maps and their makers: an introduction to the History of Cartography*. Hamden: Archon Books, 1978.
- DALCHÉ, Patrick Gautier. *La 'descriptio mappe mundi' de Hugues de Saint-Victor: texte inédit avec introduction et commentaire*. Paris: Études Augustiniennes, 1988.
- _____. "L'héritage antique de la cartographie médiévale". In: TALBERT, R.; UNGER, R. (ed.). *Cartography in Antiquity and the Middle Ages: fresh perspectives and new methods*. Leiden/Boston: Brill, 2008, pp. 29-66.
- _____. *L'espace géographique au Moyen Âge*. Firenze: Sismel, 2013.
- DESTOMBES, Marcel (ed.), *Mappemondes, A. D. 1200-1500*. Catalogue préparé par la Commission des Cartes Anciennes de l'Union Géographique Internationale. (Monumenta Cartographica Vetustioris Aevi, I; Imago Mundi, Suppl. IV.). Amsterdam: N. Israel, 1964.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Devant le temps: histoire de l'art et anachronisme des images*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2000.
- DU CANGE, et al., *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*, ed. augm. Niort: L. Favre, 1883-1887.
- ECHEGARAY, Juan G.; CAMPO, Alberto del; FREEMAN, Leslie J. (ed.). *Beato de Liébana: obras completas y complementarias*, 2 vols. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.
- ETÉRIA. *Peregrinatio Aetheriae*. McCLURE, M.L.; FELTOE, Charles (ed. trad.). London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1919.
- GARNIER, François. *Le langage de l'image au Moyen Âge: signification et symbolique*, 2 vols. Paris: Le Léopard d'Or, 1982.
- HARLEY, J.B.; WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography: cartography in prehistoric, ancient, and medieval Europe and the Mediterranean*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1987.
- _____. *The new nature of maps: essays in the History of Cartography*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2001.
- HOOGLIET, Margriet. "Mappae mundi and Medieval Encyclopaedias: Image versus Text". In: BINKLEY, Peter (ed.). *Pre-Modern Encyclopaedic Texts*. Proceedings of the Second COMERS Congress. Leiden: Brill, 1997, pp. 63-74.
- ISIDORO. *Etymologiarum Sive Originum Libri XX*. OROZ-RETA, José; CASQUERO, Manuel Antonio (ed.). Madrid: B.A.C., 1993-1994.
- LE GOFF, Jacques ; SCHIMITT, Jean-Claude (coord.), *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, 2 vols. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2006.
- KLEIN, Peter. "La tradición pictórica de los Beatos". In: *Actas del Simposio para el Estudio de los Códices del "Comentário al Apocalipsis" de Beato de Liébana*, vol. 2. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1980, pp. 83-106.
- KLINE, Naomi. *Maps of Medieval Thought: The Hereford Paradigm*. Suffolk: Boydell Press, 2005.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2006.
- ORÓSIO, Paulo. *Historiarum Adversus Paganos libri septem*. ARNAUD-LINDET, Marie-Pierre (ed.). Paris: Les Belles Lettres, 1991.
- SÁENZ-LÓPEZ, Sandra. *Imagen y conocimiento del mundo en la Edad Media a través de la cartografía hispana*, 2 vols. Tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid, 2007.

- SCHÖLLER, Bettina. “Transfer of knowledge: Mappae mundi between texts and images”. In: *Peregrinations: Journal of Medieval Art and Architecture*, vol. 4, n° 1, (2013), pp. 42-55.
- REES, Ronald. “Historical Links between Cartography and Art”. In: *Geographical Review*, vol. 70, n° 1 (Jan., 1980), pp. 60-78.
- REYNOLDS, L. D (ed.). *Texts and transmission: a survey of the latin classics*. Oxford: Clarendon Press, 1983.
- ROBINSON, Arthur; PETCHENIK, Barbara. *The nature of maps: essays toward understanding maps and mapping*. Chicago: University Press of Chicago, 1976.
- RONCIÈRE, Monique; JOURDIN, Michel Mollat. *Les portulans: cartes marines du XIIIe au XVIIe siècle*. Fribourg: Office du Livre, 1984.
- TUCCI, Ugo. “Atlas”. In: ROMANO, Ruggiero (dir.), *Enciclopédia Einaudi: Memória-História*, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- VAGNON, Emmanuelle. “Cartes marines et réseaux à la fin du Moyen Âge”. In: COULON, D.; PICARD, C.; VALÉRIAN, D. (dir.). *Espaces et Réseaux en Méditerranée (VIe-XVIIe siècle)*, vol. I: La configuration des réseaux. Paris, 2007, pp. 293-308.
- WILLIAMS, John. “Isidore, Orosius and the Beatus Maps”. In: *Imago Mundi: The international journal for the History of cartography*, vol. 49, n° 1, (1997), pp. 7-32.

Notas:

¹ HARLEY, John Brian. *The new nature of maps: essays in the History of Cartography*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2001.

² *Nederlandse Spreekwoorden*, 1559. Berlim, Gemäldegalerie Staatliche Museen.

³ Tradução do autor. Original em latim: “*Charta vel mappa explicata, in qua orbis seu mundi descriptio continetur*”. DU CANGE, et al., *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*, FAVRE, Niort: L. (ed.), 1883-1887, tomo 5, col. 255b.

⁴ Tradução do autor. Original em inglês: “cartography look a little like a language, though the grammatical function of words on maps may differ from their function in verbal sentences. Otherwise the clearest equivalent to a word is a cartographic point-symbol, such a cross representing a church. Such symbols resemble the common nouns of verbal language”.

⁵ A este respeito das particularidades da primeira edição pictórica dos *Beatos*, cf. nomeadamente KLEIN, Peter. “La tradición pictórica de los *Beatos*”. In: *Actas del Simpósio para el Estudio de los Códices del “Comentário al Apocalipsis” de Beato de Liébana*, vol. 2. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1980, pp. 83-106.

⁶ Cf. a edição crítica da obra preparada por DALCHÉ, Patrick Gautier. *La ‘descriptio mappe mundi’ de Hugues de Saint-Victor: texte inédit avec introduction et commentaire*. Paris: Études Augustiniennes, 1988.

⁷ Mapa-múndi de Ranuf Higden, 1342. Londres, British Library, Royal MS. 14 C.IX, ff. 1v-2. Disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Royal_MS_14_C_IX, acesso em 18/01/2016.

⁸ ETHERIA. *Peregrinatio Aetheriae*. McCLURE, M.L.; FELTOE, Charles (trad.). London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1919.

⁹ Acerca dos processos de transmissão e assimilação dos textos clássicos, cf. REYNOLDS, L. D (ed.). *Texts and transmission: a survey of the latin classics*. Oxford: Clarendon Press, 1983.

¹⁰ Original em francês: “*Durant le haut Moyen Âge, les auteurs de textes et les dessinateurs de diagrammes et de cartes furent donc des héritiers de l’Antiquité tardive: héritiers de textes où les connaissances sur l’espace de l’orbis terrarum avaient pu être systématisées grâce à la potestas Romana, et qui transmettaient un énorme stock de noms géographiques et ethniques souvent reproduits sous forme de listes organisées; héritiers de diagrammes qui mettaient en scène des concepts et des théories sur la structure du cosmos et de la terre*”.

¹¹ Transcrição do autor: “*Uno T dentro auno O monstra el segno / como inttre p[ar]te fu diviso el mondo / ela superior e magior regno / ch[e] quasi pigla la mita del mondo / Asia chiamatta il gambo ritto segno / ch[e] p[ar]te el terzo come dal sechondo / Africa disse da europa el mare / mediteraneo tra ese amezzo apare*”.

¹² “Foi esta a cidade de Jerusalém que eu situei em meio aos povos e em torno dela, as nações”. Bíblia de Jerusalém, Ezequiel, 5:5

¹³ A este respeito, cf. ALEXANDER, Philip. “Jerusalem as the omphalos of the world: On the history of a geographical concept”. In: *Judaism*, vol. 46, n° 2 (1997), pp. 147-158.

¹⁴ A este respeito, cf. DALCHÉ, Patrick Gautier. “L’héritage antique de la cartographie médiévale”. In: TALBERT, R.; UNGER, R. (ed.). *Cartography in Antiquity and the Middle Ages: fresh perspectives new methods*. Leiden/Boston: Brill, 2008, pp. 29-66.

¹⁵ A este respeito, cf. HOOGVLIET, Margriet. ‘*Mappae mundi* and Medieval Encyclopaedias: Image versus Text’. In: BINKLEY, Peter (ed.). *Pre-Modern Encyclopaedic Texts*. Proceedings of the Second COMERS Congress. Leiden: Brill, 1997, pp. 63-74.

¹⁶ Tradução do autor. Original em latim: “*Maiores nostri orbem totius terrae, oceani limbo circumsaeptum, triquadrum statuere eiusque tres partes Asiam Europam et Africam uocauerunt, quamuis aliqui duas hoc est Asiam ac deinde Africam in Europam accipiendam putarint*”.

¹⁷ Mapa-múndi de Albi, c. 730. Albi, Bibliothèque Municipale, Ms. 29, f. 57.

¹⁸ Saint Gallen, Stiftsbibliothek, Cod. Sang. 621.

¹⁹ Heidi Eisenhut organizou e publicou, sob o título de “*Die Glossen Ekkeharts IV. von St. Gallen im Codex Sangallensis 621*”, uma ampla e completa edição crítica acerca das glosas de Ekkerhart IV. O estudo encontra-se disponível on-line em: <http://orosius.monumenta.ch/>, acesso em 07/01/2016.

²⁰ Vide nota 15.

²¹ “[23] *A flumine Euphrate, quod est ab oriente, usque ad mare Nostrum, quod est ab occasu, deinde a septentrione id est a ciuitate Dagusa, quae in confinio Cappadociae et Armeniae sita est haud procul a loco ubi Euphrates nascitur, usque ad Aegyptum et extremum sinum Arabicum, [24] qui ad meridiem longo angustoque sulco saxis insulisque creberrimo a Rubro mari id est ab oceano occasum uersus extenditur, Syria generaliter nominatur, habens maximas prouincias Commagenam Phoeniciam et Palaestinam, absque Saracenis et Nabathaeis quorum gentes sunt XII*”.

²² “[61] *Italiae situs a circio in eurum tenditur, habens ab Africo Tyrrhenum mare, a borea Hadriaticum sinum; cuius ea pars, qua continenti terrae communis et contigua est, Alpium obicibus obstruitur. [62] quae a Gallico mari super Ligusticum sinum exsurgentes, primum Narbonensium fines, deinde Galliam Raetiamque secludunt, donec in sinu Liburnico defigantur*”.

²³ Segundo a célebre fórmula de Gregório Magno, “*ab re non facimus si per visibilia invisibilia demonstramus*”. Gregório Magno, *Epístola* 9.147.

²⁴ Com relação à tradição cartográfica dos *Beatos*, seus mapas, contextos e especificidades, cf. SÁENZ-LÓPEZ, Sandra. *Imagen y conocimiento del mundo en la Edad Media a través de la cartografía hispana*, 2 vols. *Tesis doctoral*, Universidad Complutense de Madrid, 2007.

²⁵ “*Ob aedificationem studii fratrum tibi dicaui, ut quo consorte perfruar religiones coheredem faciam et mei laboris*”. *Beatos*, Prefácio, 1, 22-24.

²⁶ “*Ut quae in aliis legens non intellexisti, in hoc, quamuis plebeio sermone in aliquibus deriuatum, tamen plena fide atque deuotione expositum, recognoscis*”. *Beatos*, Prefácio, 1, 15-17.

²⁷ Tradução do autor. Original em latim: “*Quae tamen non a me, sed a sanctis patribus quae explanata repperi, in hoc libello indita sunt, et firmata his auctoribus, id est, Iheronimo, Augustino, Ambrosio, Fulgentio, Gregorio, Ticonio, Irenaeo, Apringio et Isidoro: ut quae in aliis legens non intellexisti, in hoc, quamuis plebeio sermone in aliquibus deriuatum. Tamen plena fide atque deuotione expositum, recognoscis*”.

²⁸ Tradução do autor. Original em latim: “*Extra tres autem partes orbis quarta pars trans Oceanum interior est in meridie, quae solis ardore incognita nobis est; in cuius finibus Antipodes fabulose inhabitare produntur*”. *Etymologiae*, XIV, v, 17.

²⁹ Tradução do autor. Original em latim: “*Hii fuerunt Christi discipuli, praedicatores fidei et doctores gentium, qui, dum omnes unum sint, singuli tamen eorum propriis certisque locis in mundo ad praedicandum sortes proprias acceperunt: Petrus namque Roman accepit, Andreas Achaiam, Iacobus Spaniam, Thomas Indiam, Iohannes Asiam, Matheus Macedoniam, Philippus Gallias, Bartholomeus Lycaoniam, Simon Zelotes Aegyptum, Mathias Iudaeam, Iacobus frater Domini Hierusalem, Iudas frater Iacobi Mesopotamiam. Paulo autem cum ceteris apostolis nulla sors propria traditur, quia in omnibus gentibus magister et praedicator eligitur*”. *Beatos*, Prólogo Livro II, 3, 48-52.

³⁰ Tradução do autor. Original em latim: “*Rari fuerunt, sed electi. Et de his parvis granis multa seges surrexit. Hanc Ecclesiam credimus et tenemus, et qui supra evangelizaverit quam isti, non christianus, sed anathema in perpetuum erit, maranata, id est, perditio in aduentum Domini. Et quo facilius haec seminis grana per agrum huius mundi, quem prophetae laborauerunt et hi metent, subiectae formulae pictura demonstrat*”. *Beatos*, Prólogo Livro II, 3, 72-84.

³¹ *Beato de Escalada* (c. 940): New York, Pierpont Morgan Library, M.644; *Beato de Tábara* (970): Madrid, Arquivo Histórico Nacional, cod. 1097B.

³² Mapa-múndi anglo-saxão, c. 1050. Londres, British Library, Cotton MS Tiberius Bv f. 57r. Disponível em: <http://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/unvbrit/a/largeimage82938.html>, acesso 21/01/2016.

³³ Relativamente às nomenclaturas historicamente atribuídas a estes manuscritos, Emmanuelle Vagnon ressalta que *“les historiens français ont forgé l’expression «cartes-portulans», parce qu’elles rappellent les livres d’instructions nautiques, les « portulans » au sens propre, où les marins méditerranéens notaient leurs observations sur la forme des côtes et la position des ports. Mais cette appellation n’a rien de médiéval”*. VAGNON, Emmanuelle. “Cartes marines et réseaux à la fin du Moyen Âge”. In: COULON, D.; PICARD, C.; VALÉRIAN, D. (dir.). *Espaces et Réseaux en Méditerranée (VIe-XVIe siècle)*, vol. I : La configuration des réseaux. Paris, 2007, p. 295.

³⁴ Original em inglês: *“When cartographers had neither the geographical knowledge nor the cartographic skill to make accurate maps, fancy and artistry had free rein”*.

³⁵ Planisfério de Cantino, c. 1502. Modena, Biblioteca Estense Universitaria.

³⁶ Planisfério de Domingo Teixeira, 1573. Paris, Bibliothèque Nationale de France, Département Cartes et Plans, CPL GE SH ARCH-3.

³⁷ Atlas náutico do mundo, dito Atlas Miller, 1519. Paris, Bibliothèque Nationale de France, Département des Cartes et Plans, GE DD-683 (RES).

³⁸ Tradução do autor. Original em francês: *“L’intention de faciliter la lecture de la carte a présidé aussi à la disposition de la nomenclature littorale; ainsi, sur la ‘pisane’, les noms des ports sont écrits en noir, sauf les plus importants indiqués en rouge”*.

Artigo recebido em 20/12/2015. Aprovado em: 10/02/2015.